

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** PEREYRON, L. Os termos 'interferência' e 'transferência linguística' na área de Aquisição de Línguas Adicionais: uma discussão sobre suas diferentes acepções. **Revista Colineares**, Mossoró, v. 05, n. 01, p. 99-125, jan./jun. 2018.

## **OS TERMOS 'INTERFERÊNCIA' E 'TRANSFERÊNCIA LINGUÍSTICA' NA ÁREA DE AQUISIÇÃO DE LÍNGUAS ADICIONAIS: UMA DISCUSSÃO SOBRE SUAS DIFERENTES ACEPÇÕES**

### **THE USE OF THE TERMS 'INTERFERENCE' AND 'LANGUAGE TRANSFER' IN THE ADDITIONAL LANGUAGE AREA: A DISCUSSION ON ITS DIFFERENT ACCEPTIONS**

Letícia Pereyron<sup>42</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa a discutir os termos 'interferência' e 'transferência interlinguística', bem como promover um perpassar histórico acerca do desenvolvimento da definição teórica de transferência linguística, desde Weinreich (1953) e Lado (1957) até alcançar a noção de influência sob a perspectiva de língua como Sistema Adaptativo Complexo (RINGBOM, 1985; CENOZ, 2001; HERDINA; JESSNER, 2002; JESSNER, 2008; BRITO, 2011). O termo 'interferência' foi rejeitado (GASS; SELINKER, 1992; CORDER, 1992; ORTEGA, 2009), por indicar um sentido negativo de intervenção da língua materna no desenvolvimento de uma dada 'língua-alvo'. Já sob uma concepção de língua como Sistema Adaptativo Complexo, o termo 'transferência' é frequentemente chamado de 'influência interlinguística', sendo visto como um fenômeno que exerce efeitos de uma língua na outra, a partir da possibilidade de múltiplas relações entre os subsistemas envolvidos (L1, L2 e L3), sendo considerado um fator característico do próprio sistema multilíngue (RINGBOM, 1985; CENOZ, 2001; HERDINA; JESSNER, 2002; KUPSKE, 2016; PEREYRON, 2017; de LOS SANTOS, 2018). Ademais, serão discutidos, sob a perspectiva teórica aqui adotada, fatores como a tipologia linguística e proficiência linguística como agentes condicionadores de influência. Finalmente, ao tomar como foco, mais especificamente, o processo de desenvolvimento do componente fonético-fonológico, o presente artigo oferece uma proposta quanto ao termo 'transferência' com base em Larsen-Freeman (2015), quem assegura envolver muito mais do que o mero fenômeno de transferir elementos no desenvolvimento linguístico de um aprendiz, a autora afirma que o processo envolve criatividade, inovação, recombinação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transferência linguística. Sistemas Adaptativos Complexos. Influência translinguística.

<sup>42</sup> Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing de Porto Alegre. Doutora em Estudos da Linguagem pela UFRGS, mestre em Letras pela PUCRS e M.A. in TESOL pela La Salle University, Filadélfia, é professora de linguagem na ESPM-Sul.

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss the use of the terms “interference” and “language transfer” as well as to present a historical overview on the development of the theoretical definition of language transfer, from Weinreich (1953) and Lado (1957) to the notion of linguistic influence under the light of Complex Adaptive Systems (RINGBOM, 1985; CENOZ, 2001; HERDINA & JESSNER, 2002; JESSNER, 2008; BRITO, 2011). The term “interference” was neglected (GASS; SELINKER, 1992; CORDER, 1992; ORTEGA, 2009) for displaying a negative impression about intervention from the mother language on an addition language development. Departing from a view of language as a Complex Adaptive System (CAS), the term “transfer” is often called “cross-language influence” and it is a phenomenon that has effects from one language on another. It is also considered to be an intrinsic factor of the multilingual system along the many possible relations among systems in play (L1, L2, and L3) (RINGBOM, 1985; CENOZ, 2001; HERDINA; JESSNER, 2002; KUPSKE, 2016; PEREYRON, 2017; de LOS SANTOS, 2017). In addition, under this prism, language typology and language proficiency will be discussed as being conditioning factors on the process of cross-language influence. Finally, focusing on the phonemic component, the paper fosters a proposal with regards to the term “transfer” based on Larsen-Freeman (2015), who asserts that the process of transfer offers much more than just transferring or coping elements to the developing language system, the author affirms that the process involves creativity, innovation, recombination.

**KEY-WORDS:** Language Transfer. Complex Adaptive System. Cross-linguistic influence.

## 1 INTRODUÇÃO

Tanto no campo de Aquisição de Segunda Língua (ASL) que, segundo Ortega (2009), é o termo empregado para nomear o campo acadêmico que investiga a capacidade humana de aprender línguas que não sejam a materna, durante a infância tardia, a adolescência ou a vida adulta, quanto na área de Bilinguismo, que, conforme a autora, compõe a área que estuda estes fenômenos desenvolvimentais, influências de uma língua na outra são comuns. Todos os aprendizes de uma língua adicional (LA) usufruem de um conhecimento completo de uma L1. Aqueles aprendizes, frequentemente, começam a aprender a LA muitos anos após tornarem-se usuários fluentes de sua L1. Desse modo, o conhecimento da língua anterior, a L1, é uma importante fonte de influências no desenvolvimento LA, e este fato é universalmente verdadeiro para todos os aprendizes de um sistema de LA (ORTEGA, 2009).

Já na aprendizagem de uma terceira ou quarta língua, a trajetória ocorre de modo distinto. A procedência da influência interlinguística é um aspecto discutido na literatura, que ora aponta à questão cronológica de aquisição da L2, L3, etc., ora

aponta à questão de distância entre sistemas, ou seja, à tipologia entre as línguas. Em meio a este quadro de questionamentos que têm caracterizado a área ao longo dos anos, diferentes propostas e perspectivas vêm sendo aplicadas, com base na orientação teórica e nas concepções linguísticas que guiam os investigadores deste campo de estudos. Como exemplos, o behaviorista Bloomfield (1933) e o estruturalista Fries (1945) acreditavam que o conhecimento linguístico se dava através de uma série de hábitos. O aprendizado de uma L2, segundo os autores, traria problemas e dificuldades que não se originariam da língua-alvo, mas da influência da L1, ou seja, influência de hábitos anteriores. Além disso, alguns desses hábitos auxiliariam o aprendizado, enquanto que outros seriam nocivos. A discussão sobre influência interlinguística se aprofunda na década de 1950, com a Análise Contrastiva de Lado, em que se tomou por hipótese que as diferenças entre a L1 e a L2 seriam responsáveis pelas dificuldades na língua-alvo daqueles aprendizes que dispunham da mesma L1, enquanto que as semelhanças causariam facilidades no aprendizado. Além disso, o autor afirmou que os aprendizes tendem a transferir as formas e os significados da sua língua materna para a língua sendo adquirida. Esse pensamento inspirou uma linha de pesquisa que tinha como foco a comparação de semelhanças e diferenças entre as duas línguas em questão.

Os anos 50 e 60 vivenciaram a Análise de Erros, uma perspectiva que dava enfoque ao erro produzido pelo aprendiz. Tal abordagem enfraqueceu devido ao foco apenas no que o aprendiz não conseguia realizar; entretanto, na década de 70, a Análise de Erros ergueu-se novamente ao enfatizar o processo de aprendizagem. Nesta década também foi proposto o conceito de Interlíngua de Selinker. Foi nas décadas de 1970 e 1980 que a discussão sobre a influência entre as línguas, na época, chamada de “transferência”, caminhou para além de correspondências entre L1 e L2, de modo que os pré-requisitos para o fenômeno ocorrer não cabiam mais dentro da então “nova” abordagem. A transferência, sob esta perspectiva, não ocorreria devido a comparações externas dos sistemas linguísticos do aprendiz, mas seria primordialmente um fenômeno psicolinguístico, já que passava a ser vista sob a perspectiva de fenômenos resultantes das múltiplas interações entre as

línguas num mesmo falante. Odlin (1989), ainda nesta época, apresenta uma nova posição quanto ao termo 'transferência', relacionada ao termo 'bilinguismo', e inclui as inter-relações e interações que ambos os sistemas linguísticos apresentam dentro de um único cérebro, rejeitando a noção contrastiva de Lado (1957), que se baseava apenas nas comparações entre as semelhanças e diferenças entre os sistemas.

Uma descrição adequada de bilinguismo deveria incluir um modelo de linguagem neurológico já que provavelmente a influência de uma língua na outra tem a ver com o armazenamento dos dois sistemas de conhecimento dentro do mesmo cérebro (Albert e Obler, 1979). Assim, a definição correta de transferência pressupõe uma definição completa de língua (ODLIN, 1989, p. 28).

Junto a Odlin (1989), surgem novas propostas quanto à noção de transferência. Partindo-se da premissa de que a fonte de efeitos de transferência não se originaria apenas na língua materna, Ringbom (1985) é o primeiro a estudar os fatores que causam o fenômeno entre as línguas no âmbito trilingue e, na década seguinte, o termo "interferência" é banido por uma gama de autores. Já neste século, Cenoz (2001), com base em Ringbom, traz a discussão de transferência para o âmbito multilíngue, apontando múltiplas variáveis para a causa do fenômeno de transferência, dentre elas, a tipologia linguística, a proficiência linguística, a idade, fatores discutidos neste artigo. Entre os anos de 2001 e os atuais, surge uma nova concepção de desenvolvimento linguístico, de acordo com a qual múltiplos agentes e suas constantes interações formam o conhecimento linguístico. Sob essa perspectiva, o fenômeno de transferência ganha um novo enfoque.

Em meio a esse quadro de discussões, objetiva-se discutir o fenômeno tradicionalmente chamado de 'transferência linguística' conforme as propostas referentes a tal fenômeno oferecidas na literatura, de modo que se realize um breve perpassar histórico pelas diferentes formas de se caracterizar e interpretar o referido fenômeno. Para isso, na Seção 2, o fenômeno será discutido de acordo com os termos empregados por diversos autores: 'interferência' (WEINREICH, 1953, 1964),

'transferência' (LADO, 1957; ODLIN, 1989) e 'influência interlinguística' (CENOZ, 2001; JESSNER, 2008; ORTEGA, 2009; BRITO, 2010; 2011).

Como extensão do primeiro objetivo, em que o fenômeno de transferência é discutido desde a abordagem tradicional até a atualidade, a Seção 3 parte de uma das mais recentes abordagens do fenômeno: a perspectiva de língua como Sistema Adaptativo Complexo (CAS)<sup>43</sup>, pela qual múltiplos fatores constituem um sistema. Sob essa nova perspectiva, o que é tradicionalmente chamado de 'transferência linguística' é resultado da interação de uma gama de agentes como a distância tipológica entre as línguas, a proficiência linguística, a idade e efeitos de recência, dentre muitíssimos outros. A Seção 4 expõe a proposta no que diz respeito à utilização do termo para expressar o chamado fenômeno de transferência, tomando-se por base Larsen-Freeman (2015), que parte de uma visão de língua como CAS e que considera o uso tanto da língua materna quanto da língua adicional como fator crucial para explicar as inovações linguísticas emergidas. Assim, neste momento, é proposto, com base na autora, o emprego do termo "influência translinguística" a fim de se contemplar a criatividade, a inovação de aspectos linguísticos disponíveis na mente do falante multilíngue, em detrimento ao processo de simplesmente transferir ou copiar. A seção seguinte conclui a discussão e a última seção corresponde às referências bibliográficas.

## **2 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO TERMO 'TRANSFERÊNCIA': DE WEINREICH (1953) ATÉ ABORDAGENS ATUAIS**

Nesta seção, objetiva-se apresentar uma trajetória histórica das concepções de do uso do termo 'transferência'. A partir desta discussão, será observado que os termos 'transferência' e 'interferência' eram, por muitas vezes, usados intercambiavelmente. Em uma tentativa de se esclarecer o conflito terminológico presente até hoje na literatura, será apresentado um perpassar histórico que terá como ponto inicial a abordagem tradicional de Weinreich (1953, 1964), em que o

---

<sup>43</sup> CAS corresponde ao termo em inglês "Complex Adaptive System".

termo 'interferência' era empregado para referir-se a qualquer caso de transferência. Em seguida, será discutida a abordagem contrastiva de Lado (1957), que atribuía às comparações entre dois sistemas linguísticos de um mesmo falante o papel de transferência entre eles. A seguir, será revisitada brevemente a abordagem de Análise de Erros e, finalmente, chega-se até a perspectiva de língua como CAS (LARSEN-FREEMAN, 1997, 2011; DE BOT; LOWIE; VERSPOOR, 2007; ELLIS, 2007, 2011; BECKNER et al, 2009), que considera uma gama de fatores e suas múltiplas interações como constituidores de uma língua.

Weinreich (1953, 1964) foi um dos pioneiros a discutir os fenômenos de transferência. Conforme o autor, a prática de utilizar alternativamente duas línguas constitui o bilinguismo, ao passo que os desvios de uma dessas línguas que ocorrem na fala do bilíngue, como resultado do contato desses dois sistemas, é chamado de fenômeno de interferência. Para o autor, da mesma forma que Ortega (cf. seção anterior), a criança que aprende duas línguas simultâneas desde os primeiros anos e, assim, dispõe de duas línguas maternas, é dita ser bilíngue. Além disso, a proposta de Weinreich referente à organização mental das duas línguas no sujeito bilíngue semeou toda uma linha de pensamento no campo da aquisição de línguas. Weinreich assegura que quando o falante dispõe do comando de mais de uma língua, os dois sistemas linguísticos não coexistem como duas esferas inteiramente separadas e, assim, ocorrências de fenômenos de 'transferência' e 'interferência', conforme a categorização empregada pelo autor, são esperadas no sistema do bilíngue ou multilíngue. Odlin (1989) lembra-nos de que Weinreich (1953, 1964) empregava o termo 'interferência' para referir-se a qualquer caso de transferência, como, por exemplo, *borrowing transfer* (influência do léxico da L1 na L2, *substratum transfer* (influência da sintaxe e da pronúncia da L1 na L2), e, também, para referir-se aos casos de *codeswitching*.

No entanto, o termo 'interferência linguística' empregado por Weinreich (1953, 1964) vem sendo evitado em abordagens mais recentes (GASS; SELINKER, 1992; CORDER, 1992; CENOZ, 2001; ORTEGA, 2009; BRITO, 2011), devido ao fato de que o mesmo remete à implicação não desejada de que o conhecimento da

língua materna poderia impedir o desenvolvimento da língua adicional, atribuindo-lhe um sentido negativo de transferência.

Também seguindo uma concepção unilateral de que uma língua exerce influência sobre a outra, Odlin (1989), define o termo ‘transferência’ como a influência vinda das semelhanças e diferenças entre a língua alvo e qualquer outra língua previamente (e talvez imperfeitamente) adquirida. Percebe-se que o autor, um dos pioneiros no assunto de transferência, ainda traz aspectos da tradicional Análise Contrastiva, a ser discutida a seguir, ao apontar que a transferência linguística depende de comparações sistemáticas entre duas línguas.

Muito do que se sabe sobre transferência vem da Hipótese de Análise Contrastiva (HAC) de Lado (1957). A HAC, que previa que semelhanças entre as estruturas das línguas alvo e materna originariam facilidades na aquisição, enquanto as diferenças entre ambas as estruturas linguísticas originariam dificuldades, foi criticada por muitos autores.

No campo da fonologia, Flege (1997) mostra que o oposto pode ocorrer. Semelhanças entre sons de dois sistemas linguísticos podem, na verdade, fazer com que o falante não perceba tais similaridades e venha a produzir uma categoria de som apenas, empregando a mesma categoria empregada na sua L1. Já sons muito diferentes são mais prováveis de possibilitar a formação de categorias novas, contrariando a HAC na esfera fonético-fonológica. Desse modo, a diferença entre os dois sistemas não é suficiente para prever as dificuldades dos aprendizes.

Com a tentativa de explicar as dificuldades e as causas de “desvios” na fala de aprendizes de línguas adicionais, a HAC mostrou-se insatisfatória, uma vez que os erros encontrados nestes aprendizes muitas vezes não se originavam em suas línguas maternas, conforme mencionado acima. O próximo passo nesta trajetória foi, então, analisar os erros desses aprendizes. Alguns erros pareciam surgir de outras fontes como, por exemplo, a maneira que um aluno era ensinado ou corrigido (metodologia), ou como parte essencial e transitória do processo de aprendizagem (interlíngua).

De acordo com Olsen (1999), nas décadas de 50 e 60, a Análise de Erros era bastante utilizada, mas perdeu força uma vez que enfatizava apenas o que o aprendiz não conseguia realizar, ao invés de focar nos processos que levavam aos erros. Foi com o desenvolvimento das teorias de ASL, no final da década de 60 e na década de 70, que a Análise de Erros ganhou forças novamente ao enfatizar o processo de aprendizagem, através do estudo dos erros cometidos pelos aprendizes na língua-alvo.

Paralelamente a esta ascensão da Análise de Erros, que postulava que erros não vinham do contraste de duas línguas, mas originavam-se no próprio desenvolvimento do aprendiz, surgiu o conceito de Interlíngua de Selinker (1972), que postulava que o sistema em desenvolvimento do aprendiz era constituído por formas da L1 e da língua-alvo, além de formas que não se encontravam em nenhum dos dois sistemas, uma espécie de forma específica do estágio em que se encontrava o aprendiz. O conceito de interlíngua foi importante, pois pôde indicar o estágio do aprendiz: quanto mais proficiente se encontra esse na língua-alvo, menos formas da interlíngua ele apresentará e mais formas da língua-alvo estarão presentes na sua produção.

Na abordagem tradicional de transferência descrita na HAC, a L1 ou a L2 são os únicos fatores responsáveis pelo fenômeno de transferência. Sob essa perspectiva, não há outros fatores que podem vir a influenciar uma nova língua e, ainda, há apenas uma direção de influência:  $L1 \rightarrow L2$ . Além disso, na tradicional visão de transferência de Lado (1957), a interação entre um ou mais sistemas linguísticos é vista sob uma perspectiva que os afasta. Já na Análise de Erros, o problema residia na decisão a respeito de a que categoria se atribuiria um erro, se é uma questão de simplificação da gramática, como é no aprendizado de inglês por um falante nativo de espanhol, ou de transferência da L1, como pode ocorrer no aprendizado de inglês por um nativo de coreano (ODLIN, 1989).

No que diz respeito ao termo 'transferência', a HAC atribuía ao termo 'transferência positiva' os efeitos de influências entre duas línguas similares, enquanto o termo 'transferência negativa' ou 'interferência' era atribuído aos efeitos

de influências entre duas línguas diferentes. Com referência à Análise de Erros, o termo 'interferência' também era empregado para referir-se à transferência linguística. Em 1970, em seu artigo sobre a Análise de Erros, Richards (1970) inicia a introdução empregando o termo 'interferência' várias vezes: "A identificação e análise da interferência entre línguas em contato tem sido tradicionalmente um aspecto central no estudo do bilinguismo" (p. 1); "interferência do espanhol não é o fator principal na maneira que bilíngues constroem frases e usam a língua" (p. 3). O autor, no entanto, também emprega o termo 'transferência'.

Ao fim da década de 90, com o início no novo século, o termo 'interferência' é banido pela maioria dos autores (GASS; SELINKER, 1992; CORDER, 1992; CENOZ, 2001; JESSNER, 2008; ORTEGA, 2009, BRITO, 2011)<sup>44</sup>, e uma visão mais emergente de aquisição de língua, isto é, a visão de língua CAS (LARSEN-FREEMAN, 1997, 2011; DE BOT; LOWIE, VERSPOOR, 2007; BECKNER et al, 2009; ELLIS, 2011), a ser discutida em breve neste texto, mostra uma aproximação entre os sistemas linguísticos, bem como suas inter-relações.

Tal concepção de linguagem caracteriza-se por levar em conta a ação de uma gama de fatores, ou agentes, inter-relacionados e interdependentes uns dos outros, no sentido de que formam um sistema complexo, devido à interação desses múltiplos entes. A inter-relação e interdependência de fatores linguísticos, sociais, e também individuais, resultam no desenvolvimento linguístico. Nesse sentido, a transferência linguística, que agora também é chamada de 'influência' (BRITO, 2011), é resultado emergente da interdependência dos fatores ou agentes, tanto internos quanto externos.

Ao abandonar a noção de que apenas as semelhanças e diferenças entre a L1 e a L2 eram os causadores do fenômeno de transferência linguística, Cenoz (2001), ao seguir a noção de língua como CAS, também expõe um novo conceito de transferência voltado às influências entre línguas, conceito esse que trata de múltiplos fatores e das relações que esses estabelecem entre eles. Ao propor uma

---

<sup>44</sup> Exceto por Herdina e Jessner (2002), conforme será discutido na seção 3.2.

inovação teórica por lidar com essa concepção de língua no âmbito dos estudos sobre trilinguismo, a autora assegura que a presença de uma L3 traz mais complexidade às relações entre os sistemas do que quando há apenas uma L1 e uma L2; e atribui aos diversos fatores - internos e externos – e suas relações as causas de tal fenômeno. Nesse sentido, a autora explica as influências linguísticas através dos múltiplos agentes, internos e externos, envolvidos neste sistema complexo. Emerge, assim, uma nova perspectiva quanto à ação entre os sistemas linguísticos.

Considerando a língua, também, como CAS, Herdina e Jessner (2002) aplicam a Teoria dos Sistemas Dinâmicos (TSD<sup>45</sup>) ao estudo do desenvolvimento multilíngue, de modo a sugerirem que o multilinguismo compõe um sistema dinâmico. Da mesma forma, Larsen-Freeman (1997, 2011, 2015, 2017), De Bot, Lowie e Verspoor (2007), Beckner e colegas (2009) e Ellis (2011) consideram o processo de desenvolvimento linguístico, tanto de L1 quanto de outras LAs, como sistemas repletos de agentes, que interagem entre si e, assim, geram crescimento. Esses autores, adeptos à TSD e à Teoria da Complexidade<sup>46</sup>, consideram que os sistemas dos falantes bi- ou multilíngues estão inter-relacionados e dependem uns dos outros. Dessa maneira, não é um sistema que influencia o outro, de modo que o sistema linguístico em desenvolvimento seja o resultado da inter-relação estabelecida pelos referidos sistemas componentes.

Quanto à direcionalidade de influência entre os sistemas, a perspectiva que considera língua como CAS postula que as línguas influenciam umas às outras, tanto a mais forte e mais dominante, quanto a mais fraca (FRANCESCHINI, 1999, CENOZ, 2001, BRITO, 2011, GROSJEAN, 2013). A noção de que a transferência

---

<sup>45</sup> A Teoria dos Sistemas Dinâmicos é uma linha de estudos originada na matemática que foca na mudança, no desenvolvimento ao longo do tempo. Os sistemas envolvidos nesta linha são complexos, uma vez que englobam diversos agentes em interação; são dinâmicos, já que mudança ocorre ao longo do percurso; são abertos, pois necessitam de energia de fora para desenvolverem-se; são adaptativos, visto que se adaptam através de organização interna (LARSEN-FREEMAN, 1997, 2011; DE BOT, LOWIE, VERSPOOR, 2007; BECKNER et al, 2009; ELLIS, 2011).

<sup>46</sup> De forma semelhante à TSD, a Teoria da Complexidade explica a emergência de um sistema complexo através de múltiplos agentes e suas interconexões. Para De Bot (2017), ambas as teorias não dispõem de características tão diferentes ao ponto de serem consideradas teorias distintas. O autor, neste sentido, emprega a nomenclatura de Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos.

está atribuída à influência unidirecional da língua materna, uma vez que aprendizes cometem erros linguísticos que não se referem a suas L1s, é rejeitada (HERDINA; JESSNER, 2002; GROSJEAN, 2013, BRITO, 2011). A direção do que é tradicionalmente chamado de ‘transferência’ é, no mínimo, bidirecional, conforme será descrito na seção 3.1.

Tendo-se chegado ao final deste breve perpassar histórico, verifica-se que o fenômeno que diz respeito aos efeitos de uma língua sobre a outra, conhecido como ‘transferência’, ora chamado de ‘interferência’ (WEINREICH, 1953, 1964), ora chamado de ‘influência’ (BRITO, 2011), e ora chamado tanto de ‘transferência’ quanto de ‘influência’ (CENOZ, 2001; HERDINA; JESSNER, 2002; ORTEGA, 2009), muitas vezes tratado diferentemente do que é denominado ‘interferência’ (HERDINA; JESSNER, 2002), é estabelecido a partir da concepção linguístico-cognitiva de base sustentada pelos autores que fazem uso desses termos.

Verifica-se, nesse sentido, que as referidas mudanças nos usos dos termos não implicam apenas “rótulos” para denominar a mesma coisa, mas constituem, em geral, diferentes visões para o fenômeno de ação entre as línguas: em um primeiro, o fenômeno era explicado com base nas diferenças e semelhanças entre os sistemas linguísticos de um mesmo falante (LADO, 1957). Atualmente, tal fenômeno é explicado devido a agentes múltiplos, não somente constituintes do sistema do falante, mas também externos a ele.

Entre tais diversos agentes, conforme apontado pela literatura (CENOZ, 2001; MURPHY, 2005; GALLARDO DEL PUERTO, 2007; JESSNER, 2008), os que mais parecem condicionar a ocorrência do fenômeno de transferência são a tipologia entre as línguas (discutida na seção 3.1, a seguir) e a proficiência na língua alvo (discutida na seção 3.2, a seguir) e, de uma maneira inter-relacionada com esses últimos, a idade de aquisição, a exposição à língua-alvo e a consciência metalinguística de uma L2 no caso de aprendizagem da L3 (discutidas na seção 3.3, a seguir). Tais fatores serão discutidos sob a visão de língua como CAS.

### **3 ALGUNS AGENTES CONDICIONADORES DO FENÔMENO DE 'TRANSFERÊNCIA' SOB A NOÇÃO DE LÍNGUA COMO CAS**

A partir da noção de língua como CAS, com a rejeição da tradicional visão de que apenas a L1 influencia a L2, visto que a L1 pode influenciar a L2 e também a L3, mas a L2 pode influenciar a L3 e a L1 e vice versa, surgem diversos fatores - internos e externos - que podem influenciar no processo de desenvolvimento de uma língua e, conseqüentemente, causar efeitos de transferência, conforme mostra a literatura sobre influência entre as línguas (CENOZ, 2001; JESSNER, 2008; BLANK, 2008, KUPSKE, 2016; PEREYRON, 2017; SCHERESCHESKY; ALVES; KUPSKE, 2017; DE LOS SANTOS, 2017; SCHERESCHESKY, 2018). Desse modo, as seções a seguir trazem os principais agentes encontrados na literatura atual, discutindo-os com base na noção de língua como CAS. Serão tomados por base, na discussão desses fatores, sobretudo estudos voltados ao trilinguismo, visto que a discussão sobre o desenvolvimento de um sistema com três idiomas provê argumentos adicionais à discussão acerca da noção de língua como CAS, conforme será explicitado no que segue.

#### **3.1 A distância entre sistemas linguísticos e a direcionalidade da transferência interlinguística**

Ao se iniciar a discussão acerca do papel da variável referente à distância entre as línguas no desenvolvimento de um novo sistema linguístico, cabe promover uma breve retomada acerca da importância atribuída ao referido fator, ao longo da história dos estudos linguísticos. Já na tradição contrastiva, iniciavam-se as primeiras discussões, ainda que incipientes, acerca da importância ou não das distâncias entre as línguas. Conforme mencionado na seção anterior, segundo a noção da AC, quando há diferenças entre a língua materna e a alvo, problemas de interferência<sup>47</sup> poderiam ocorrer, ao passo que quando ambas as línguas

<sup>47</sup> Nota-se que, aqui, ao se seguir a concepção da Análise Contrastiva, o termo 'interferência' foi empregado para indicar uma noção negativa de que as diferenças entre as duas línguas impõem dificuldades para o aprendiz. Para maiores detalhes, veja-se a seção anterior.

apresentassem grandes similaridades estruturais, a L1 facilitaria a aquisição da L2. Desse modo, segundo essa tradição, os problemas de aquisição de língua seriam atribuídos à influência unidirecional da L1. No caso das semelhanças entre as duas línguas, a transferência teria influência positiva no processo de aquisição. No entanto, quando houvesse diferenças, a transferência teria influência negativa. Tal fenômeno é descrito como a teoria da distância (*Distance Theory* ou *Theory of Structural Isomorphy*), isto é, o fato de os processos de transferências serem bem-sucedidos ou não depende das semelhanças estruturais entre as duas línguas. Apesar da Teoria da Distância constituir um dos pressupostos da tradicional HAC (cf. HERDINA; JESSNER, 2002), essa abordagem teórica introduz a noção de que línguas tipologicamente semelhantes favorecem o fenômeno de transferência.

Um dos primeiros estudos no campo do trilinguismo a atribuir a tipologia entre as línguas como fonte de transferência foi Ringbom (1985), que sugere, em seus experimentos conduzidos na Finlândia, que os aprendizes trilingues de inglês como L3, usuários da língua sueca (L2), tendiam a recorrer mais a essa última, visto que ambas são línguas germânicas e indo-europeias, e não ao idioma Finlandês (L1), língua aglutinativa pertencente à família *Finno-Ugric*.

Com base nos pressupostos de Ringbom (1985), outros estudos foram conduzidos de modo que relacionassem a distância tipológica à fonte da transferência linguística. Na discussão de seus resultados quanto às causas da influência linguística<sup>48</sup> em falantes trilingues de espanhol, basco e inglês, Cenoz (2001) afirma que a distância linguística possui um papel importante. Os aprendizes de inglês como L3 tendem a apresentar mais influência do espanhol, visto que ambas são línguas indo-europeias, do que do basco, língua não indo-europeia. Além disso, a autora afirma que a questão da percepção do próprio aprendiz sobre a proximidade de uma língua com a outra faz diferença na questão da influência. No seu experimento, Cenoz (2001) afirma que os alunos perceberam a proximidade

<sup>48</sup> Nota-se que Cenoz (2001) emprega ambos os termos 'transfer' (transferência) e 'cross-linguistic influence' (influência entre as línguas) a fim de se referir ao mesmo fenômeno.

entre inglês e espanhol, e não entre basco e inglês e, dessa forma, tendiam a empregar estruturas do espanhol.

Além de Ringbom (1985) e Cenoz (2001), Hammarberg (2001) e Gallardo del Puerto (2007) também consideram a distância tipológica, especialmente no âmbito trilingue, como fonte de influências linguísticas na aquisição da L3. Gallardo del Puerto (2007) afirma que bilíngues que falam uma língua (L1 ou L2) tipologicamente semelhante à língua alvo (L3) tendem a alcançar uma aquisição significativamente mais bem-sucedida nessa, em contraponto com bilíngues que não falam uma língua tipologicamente similar (L1 ou L2) à L3. No entanto, há divergência na literatura com referência à fonte da transferência linguística. Na esfera plurilingue, a L2 tende a influenciar a produção da L3 se essas forem próximas, e principalmente se a L1 for distante (HAMMARBERG, 2001). Já Rossi (2006, *apud* BLANK, 2013) aponta que, mesmo com proximidade entre duas línguas, a transferência pode não ocorrer, pois o falante pode não ter consciência de tal semelhança.

Além de fatores como proficiência e idade, discutidos a seguir, autores mais recentes, a partir da noção de língua como CAS, mostram que a influência translinguística ocorre devido a, principalmente, fatores como distância entre as línguas (RINGBOM, 1985; CENOZ, 2001; HAMMARBERG, 2001; HERDINA; JESSNER, 2002; GALLARDO DEL PUERTO, 2007), priorizando o papel da distância tipológica na questão de influência linguística. Ao se assumir que a distância entre as línguas é uma das principais fontes de influência entre os sistemas, a noção de que a língua materna, isto é, a língua mais entrincheirada, exerce efeitos sobre a(s) mais recentemente adquirida(s), é rejeitada. Nesse sentido, emerge uma nova discussão referente às múltiplas influências entre os sistemas linguísticos.

No contexto unidirecional, Grosjean e Li (2013) mostram efeitos da L1, geralmente a dominante, na L2, geralmente mais fraca. Com referência à esfera fonético-fonológica, sabe-se que as categorias fonêmicas da língua mais forte, ou seja, a dominante, podem influenciar as categorias fonêmicas da língua mais fraca, ou seja, da não-dominante. Assim, se a língua dominante dispor de apenas uma

categoria e a língua não-dominante possuir duas, essas categorias podem ser assimiladas à única categoria da língua mais fraca (FLEGE, 1997; BEST, TYLER, 2007). O exemplo fornecido por Grosjean e Li (2013) diz respeito ao inglês, em que as categorias dos fonemas /æ/ e /e/, como em “sat” e “set” são frequentemente assimiladas por holandeses bilíngues falantes de inglês a uma única categoria do holandês. Isso explica o fato de os bilíngues demonstrarem grandes dificuldades em distinguir a pronúncia dos pares ‘sat’ e ‘set’, isto é, eles parecem não perceber a distinção entre os sons.

Ainda como evidência de fenômenos de influências da língua mais forte para a mais fraca, conforme mostram Grosjean e Li (2013) anteriormente, Bialystok e Barac (2013) também mostram inovação nos estudos de ASL, indo de encontro à tradicional noção unidirecional de transferência da língua materna para a língua alvo. Nesse sentido, as autoras afirmam que nossa L1 é mais permeável do que se pensava, ao ponto de contrair elementos da L2, tanto em situações de aquisição simultânea bilíngue, quanto em casos de aprendizagem tardia de uma L2. Assim, há efeitos de influência da língua aprendida mais tarde na língua nativa. No entanto, décadas antes, autores já sugeriam que a língua não-nativa poderia influenciar a língua materna (GROSJEAN, PY, 1991; HAMMARBERG; HAMMARBERG, 1993).

Estudos mostram que a influência fonético-fonológica afeta não um, mas todos os subsistemas linguísticos do aprendiz (HERDINA; JESSNER, 2002, JESSNER, 2008, BLANK, 2008, PEREYRON, 2017). Estudos mais recentes (BLANK, 2013; PEREYRON, 2017) revelam que todos os sistemas do falante multilíngue (tanto o sistema mais enraizado quanto outros mais recentemente adquiridos) podem sofrer alterações devido à presença e desenvolvimento de uma nova LA. Pereyron (2017) mostra que há influências fonético-fonológicas do sistema vocálico do português como LA no espanhol (L1) e no inglês (LA) dos falantes multilíngues. Os achados da autora, ademais, mostram que não há ativação de ora um sistema, ora de outro sistema do falante multilíngue; o que ocorre são formações vocálicas híbridas emergidas da interação dos sistemas na mente do falante multilíngue. Neste âmbito, é importante ressaltar que tanto o

fenômeno quanto o termo “transferência” não concebe apenas transferir ou carregar características de um sistema para o outro, o fenômeno transcende o conceito de transferência no sentido de conceber a formação de novas categorias mescladas, híbridas, formadas da interação de todos os sistemas linguísticos de um falante multilíngue.

À luz da perspectiva de língua como CAS, dentro da esfera multilíngue, Herdina e Jessner (2002) apontam que há uma mistura na formação de categorias que muitas vezes não pertencem nem à L1, nem tampouco à L2, mas são, sim, formas híbridas que emergem dos dois sistemas para preencher uma lacuna no novo sistema linguístico sendo aprendido. É, pois, como misturar dois líquidos com propriedades particulares: na mistura, o líquido novo adquire novas propriedades. Portanto, o termo “transferência linguística”, que designa direções dos sistemas linguísticos do falante multilíngue, não se julga ser apropriado, sob a perspectiva de CAS, uma vez que os sistemas não estão sendo transferidos um para o outro, mas estão sendo simplesmente usados e, com o uso, modificados e influenciados um pelos outros.

Ainda no âmbito trilingue, Herdina e Jessner (2002) e Jessner (2008) apontam diversos fatores que condicionam a influência linguística, dentre eles, a similaridade tipológica, a similaridade cultural, a proficiência, a recência e o status da L2. No entanto, a similaridade tipológica, a proficiência linguística e a idade, discutidas a seguir, parecem ser as mais favorecedoras na questão de influências linguísticas.

### **3.2 A proficiência linguística**

Além da tipologia, fator esse discutido na seção anterior, a proficiência linguística também exerce grandes efeitos na probabilidade da transferência linguística. Ademais, alguns componentes, como o léxico, por exemplo, tendem a ser menos afetados quando o nível de proficiência na língua alvo aumentar. Destaca-se ainda, segundo Dewaele (1998, *apud* JESSNER, 2008), que há um

consenso geral de que a transferência linguística ocorre mais repetidamente com níveis baixos de proficiência. Sob a mesma perspectiva, Wunder (2010) aponta que a proficiência linguística é fator significativo que impulsiona a influência linguística, além de fatores como estratégias de aprendizagem e consciência metalinguística que dispõem os multilíngues.

Dentre o quadro de autores que apontam a proficiência como fator relevante na questão da influência interlinguística, van Hell e Tanner (2012) asseguram que a proficiência na língua em desenvolvimento é responsável pela consolidação tanto de componentes lexicais quanto fonético-fonológicos. Os autores afirmam que, em estágios iniciais da aprendizagem, as conexões entre as palavras da L2 e o significado são fracas. No entanto, com a ascensão da proficiência na língua em foco, o mapeamento entre a forma e o significado torna-se mais forte. O mesmo ocorre no âmbito fonético-fonológico, segundo van Hell e Tanner (2012). A ativação de um componente fonético-fonológico sobre o outro, isto é, a ativação de um sistema linguístico sobre o outro, depende crucialmente da proficiência, tanto na L1 quanto na L2. De acordo com a proposta desses autores, a elevação da proficiência na L2, que frequentemente ocorre paralelamente ao contexto de imersão na L2, resulta na diminuição da proficiência na L1, muito em função do contexto de imersão na L2. Em outras palavras, esses autores indicam que ambas as proficiências possuem um papel na consolidação de elementos lexicais e fonético-fonológicos da língua não nativa, isto é, quanto mais alta for a proficiência na L2, maior a chance de desestabilização da proficiência da L1, reduzindo essa última.

Ainda com relação à proficiência, sob uma perspectiva bastante singular, Herdina e Jessner (2002), ao aplicarem o multilinguismo à Teoria dos Sistemas Dinâmicos, sugerem que são diversos os fenômenos referentes à transferência, de modo que não podem ser rotulados sob o mesmo nome. Nesse sentido, ambos os termos são empregados pelos autores e o que os difere é o desequilíbrio entre os dois sistemas linguísticos: o termo 'transferência' é usado quando há desequilíbrio, e o termo 'interferência', quando os dois sistemas estão balanceados.

### 3.3 Idade

Outro fator importante na questão da influência interlinguística é a idade. No entanto, este fator é relacionado inúmeras vezes com o fator referente à tipologia/distância entre as línguas (ODLIN, 1989).

A idade é um fator bastante polêmico na literatura desde a formação do campo de ASL. Por longo período, acreditou-se que uma janela biológica do aprendiz operaria e quaisquer processos e produtos da ASL seriam radicalmente afetados. Tal período, conhecido como a Hipótese do Período Crítico, teve origem na neurolinguística e baseia-se na premissa de que a maturidade neurológica pode reduzir a plasticidade neural (PENFIELD; ROBERTS, 1959; PENFIELD, 1965; LENNERBERG, 1967). A hipótese de que há um período em que a aquisição de uma L2 é limitada por volta da puberdade é refutada por uma série de escolas, dentre as quais, a de visão de língua como CAS, que desconsidera um período crítico. No âmbito da aquisição fonético-fonológica, conforme nos explica Flege (1995), os mecanismos e processos usados na aprendizagem do sistema sonoro da L1, inclusive formação de categoria, permanecem intactos ao longo da vida, e podem ser aplicados na aprendizagem de L2. No entanto, Flege (1995) mostra que apesar de um ser humano dispor de um trato oral com capacidade de produzir qualquer som ao longo da sua vida, é a vasta experiência em uma L1 que condiciona uma performance mais fraca em aprendizes mais velhos do que nos mais novos. Assim, quando um aprendiz é exposto à L2, ele tende a perceber e também produzir determinados sons com base nos sons da sua própria L1, como uma espécie de filtro. O autor afirma que tal fato raramente acontece se a aquisição das duas línguas for simultânea ainda na infância.

Ao passo que aprendizes mais novos carregam pouca bagagem da sua L1 e, portanto, tendem a se influenciar menos com sua L1 devido a esta pouca experiência, aprendizes mais velhos têm mostrado vantagens no aprendizado de línguas como questões metalinguísticas. Cenoz (2001) mostra, em seu estudo com crianças trilingües falantes de basco, espanhol e inglês, que a transferência se deu

mais frequentemente entre crianças mais velhas do que as mais jovens devido a uma maior consciência metalinguística nos maiores. Nesse sentido, as crianças mais velhas percebem a semelhança entre as línguas tipologicamente similares e transferem mais frequentemente. Tal percepção nos maiores apresenta relação diretamente com o que propôs Odlin (1989), isto é, a psicotipologia (*psychotipology*), percepção do aprendiz com referência à tipologia linguística. Além disso, esta variável tem papel crucial na transferência como fenômeno.

Com base no estudo de Cenoz (2001), pode-se afirmar que a idade está diretamente relacionada com outros agentes condicionadores que possuem mais força no fenômeno de transferência, como a tipologia, a proficiência e a consciência metalinguística. Esse pressuposto vai ao encontro de outros estudos que sugerem que a percepção da distância linguística e a percepção de transferência podem ser mais importantes do que a própria distância linguística (ODLIN, 1989; RINGBOM, 1985).

Em suma, considerar a idade do aprendiz enquanto variável implica a necessidade de atentar para uma série de outros agentes, diretamente relacionados à própria questão da idade. Nessa esfera, questões referentes à consciência metalinguística do aprendiz devem ser também trazidas à tona em meio à discussão. Considera-se que essa inter-relação de fatores corrobora, ainda mais, a perspectiva de língua como CAS, a partir da qual os agentes não podem ser tomados como variáveis isoladas, mas, sim, como entes que atuam conjuntamente e influenciam uns aos outros (cf. BECKNER et al., 2009; ELLIS, 2011; MERCER, 2011). Cabe mencionar que, na visão de CAS, existem diversas outras variáveis, não explicitadas nesta seção, condicionadoras do fenômeno de influência interlinguística. O desenvolvimento de uma língua sob tal perspectiva é influenciável por uma gama de variáveis, tanto intrínsecas quanto extrínsecas ao falante-aprendiz, e, nesse sentido, não há como indicar todas as variáveis ao longo da trajetória.

#### **4 UMA PROPOSTA PARA A DISCUSSÃO DOS TERMOS ‘INTERFERÊNCIA’ E ‘TRANSFERÊNCIA’: ‘INFLUÊNCIA TRANSLINGUÍSTICA’**

Após a descrição de alguns dos fatores condicionadores do fenômeno chamado de ‘influência interlinguística’, propõe-se, com base em Larsen-Freeman (2015), que não se analise tal fenômeno em termos de transferência de uma língua para a outra, com foco em direções, mas em termos de um sistema multilíngue que se desenvolve através do uso, e que um sistema afeta o uso do outro. O aspecto importante para a autora é que aprendizes transformam o seu conhecimento linguístico ao inovar a língua por analogia ou recombinação, e não apenas transferem ou copiam estruturas linguísticas. Além disso, aprendizes tampouco implementam o conhecimento linguístico na forma que foi recebido via instrução. A autora, dessa forma, pensa em língua como inovação, e não transferência. É importante trazer à discussão Flege (1995, 1997) e Herdina e Jessner (2002) que, em seus modelos multilíngues, concebem a mescla, a forma híbrida formada em contexto multilíngue, e que cada sistema não opera individualmente, mas ao lado do outro sistema e, juntos, formam um novo sistema, que carrega propriedades ausentes nos sistemas isolados, mas emergentes quando combinados.

Assim, propõe-se uma terminologia baseada no uso e na experiência na LA como também na criatividade do falante multilíngue. Tal concepção terminológica abraça todas as formas possíveis de língua, inovações, recombinações e mesclas. Nesta proposta, o que antes era chamado de “transferência”, fenômeno em que estruturas de uma língua são transferidas para outra, é agora visto como influência translíngüística, que abarca a constante interação entre os sistemas e se inter-relacionam de modo a formar um único sistema multilíngue. O conceito de influência translíngüística aqui proposto visa remeter o que o termo ‘transferência’ não abrange, ou seja, o novo termo indica que o desenvolvimento e o uso de um sistema linguístico não simplesmente carregam elementos de um ou para outro sistema, mas seu uso faz com que se formem novas estruturas oriundas das inter-relações dos sistemas linguísticos do falante. Conforme já afirmava Weinreich (1953) e, mais recentemente, De Bot (2004), Ortega (2009) e Grosjean (2013), os

sistemas linguísticos não coexistem na mente de um mesmo falante como duas esferas inteiramente separadas, mas se competem entre si. Os sistemas e todos seus subsistemas estão no mesmo inventário competindo, de modo a não haver transferência, mas uso de um elemento sobre o outro. Já Larsen-Freeman (2015) enfatiza que não há um uso de um sistema sobre o outro, mas que o uso de um sistema pode alterar o outro. Finalmente, ancorada na Teoria da Complexidade, a autora critica a noção de transferência de um sistema multilíngue ao abordar a noção de inovação ou (re)combinação na qual o aprendiz de línguas pode ser visto como um conjunto de elementos interagindo em constante mudança. Sob essa recente acepção, o termo ‘transferência’ carece uma reflexão, mais uma vez.

O foco deste artigo, além de discutir a trajetória histórica das propostas bem como a dos termos ‘interferência’ e ‘transferência interlinguística’ e revisitar alguns dos fatores condicionadores do fenômeno de efeitos entre sistemas linguísticos sob a perspectiva atual, foi o de propor o termo ‘influência translinguística’ com base numa perspectiva de CAS, focalizando-se, como base, em Larsen-Freeman (2015). A concepção proposta neste trabalho vai ao encontro dos fatores condicionadores do fenômeno de transferência citados por Dewaele (1998), De Bot (2004) e Wunder (2010) referentes à proficiência linguística e Ringbom (1985), Cenoz (2001), Dallardo Del Puerto (2007) quanto à tipologia das línguas. A proficiência é um fator favorecedor à aplicação ou não-aplicação do fenômeno de transferência; a partir de agora, ‘influência translinguística’, assim como a distância entre as línguas: quanto mais próximas, maior a chance de efeitos de influências. Além disso, a proposta não exclui o que já se sabe: a exposição, uso e experiência na língua-alvo são fundamentais na questão do desenvolvimento linguístico. Conforme Larsen-Freeman (2011) afirma, “língua é participar de experiências sociais”. Dessa forma, uma série de variáveis se encontra em jogo, não havendo, simplesmente, uma relação biunívoca de causa e efeito. Além disso, a interconexão que essas variáveis apresentam, de modo que não possam ser analisadas isoladamente, faz com que o fenômeno discutido neste trabalho seja considerado um sistema adaptativo complexo.

## 5 CONCLUSÃO

Neste artigo, conduziu-se uma discussão quanto às propostas referentes ao fenômeno de transferência interlinguística, bem como aos termos 'transferência' e 'interferência' linguísticas, tratados por alguns autores como o mesmo fenômeno (WEINREICH, 1953; ODLIN, 1989), distinguidos apenas por uma questão sincrônica: previamente se empregava o termo 'interferência', que foi substituído pelo termo 'transferência', visto que o primeiro remetia a um caráter negativo no aprendizado das línguas adicionais, fazendo com que se visse a língua materna como um obstáculo na aprendizagem da segunda língua. Assim, o termo 'interferência' foi criticado e banido (GASS; SELINKER, 1992; CORDER, 1992), enquanto o novo termo 'transferência' traria um caráter mais neutro, sendo considerado, por muitos autores, como o mais apropriado (CENOZ, 2001; JESSNER, 2008; BLANK, 2008; ORTEGA, 2009; BRITTO, 2011).

Quanto ao termo 'interferência' empregado até Odlin (1989), foi apenas na década de 90 que a literatura o rejeitou (GASS; SELINKER, 1992; CORDER, 1992). Autores mais recentes como Cenoz (2001), Gallardo Del Puerto (2007), Jessner (2008), Blank (2008), Ortega (2009) e Pereyron (2017) empregam os termos 'transferência' e 'influência' e, além disso, ao tratarem de multilinguismo com base nos estudos de Ringbom (1985), mostram que a transferência linguística é um fenômeno decorrente de diversos fatores, entre eles, a proficiência linguística e a distância entre as línguas, discutidas brevemente neste artigo. Com base em Larsen-Freeman (2015), que assegura que as características entre os sistemas linguísticos de um falante multilíngue não são simplesmente transferidas de um para o outro, o que ocorre é uma inovação, criação e recombinação de formas linguísticas, foi proposto um termo que transcende o simples ato de transferir ou copiar, que visa dar conta de todas as formas híbridas que são formadas ao longo do desenvolvimento de um sistema linguístico: influência translinguística.

Finalmente, seguindo a percepção de língua como CAS, foi defendido neste trabalho que o fenômeno de influência translinguística é condicionado por fatores

que se relacionam entre si e que não podem ser considerados isoladamente, como a proficiência, a tipologia, a idade e a consciência metalinguística. De modo a contemplar a interconexão entre os agentes do CAS, a idade, por exemplo, não deve ser analisada sem menção a outros fatores, como tipologia e consciência metalinguística.

### REFERÊNCIAS

CORDER, S.P. A Role for the Mother Tongue. In: GASS, S.M.; SELINKER, L. (eds). *Language Transfer in Language Learning*. Amsterdam: John Benjamins B.V, 1992. p. 18-31.

BECKNER, C.; BLYTHE, R.; BYBEE, J.; CHRISTIANSEN, M.; CROFT, W.; ELLIS, N.; HOLLAND, J.; KE, J.; LARSEN-FREEMAN, D.; SCHOENEMANN, T. Language is a Complex Adaptive System: Position Paper. *Language Learning*, v. 59, n. 1, 2009. p. 1-26.

BEST, K.; TYLER, M. D. Nonnative and second-language speech perception: Commonalities and complementarities. In: MUNRO, M. J.; BOHN, O. S. (Eds.). *Second language speech learning: The role of language experience in speech perception and production*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 13-34.

BIALYSTOK, E.; BARAC, R. Cognitive affects. In: GROSJEAN, F. & LI, P. *The psycholinguistics of Bilingualism*. Hoboken: Wiley, 2013. p. 192-213.

BLANK, C.A. *A transferência grafo-fônico-fonológica L2 (francês) – L3 (inglês): um estudo conexionalista*. Dissertação (Mestrado em Letras). Pelotas: Universidade Católica de Pelotas. 2008.

\_\_\_\_\_. *A influência grafo-fônico-fonológica na produção oral e no processamento de priming em multilíngues: uma perspectiva dinâmica*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Católica de Pelotas, Pelotas. 2013.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart, and Wintson, 1945.

BRITO, K. S. *Influências interlinguísticas na mente multilíngue: Perspectivas psicolinguísticas e (psico)tipológicas*. Tese (Doutorado em Letras). Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2011.

CENOZ, J. The Effect of Linguistic Distance, L2 Status and Age on Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition. In: CENOZ, J.; HUFEISEN, B.; JESSNER,

U. *Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives*. Multilingual Matters. Bristol: Multilingual matters, 2001. p. 8-20.

DE BOT, K. The Multilingual Lexicon: Modelling Selection and Control. *International Journal of Multilingualism*, v.1, n. 1, 2004, p. 17-32.

\_\_\_\_\_. Complexity Theory and Dynamic Systems Theory: Same or different? In: ORTEGA, L.; HAN, Z. (eds.) *Complexity Theory and Language Development*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. p. 51-58.

DE BOT, K.; LOWIE, W.; VERSPOOR, M. (2007) A Dynamic System Theory approach to second language acquisition. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 10, n. 1, p. 7-21.

DE LOS SANTOS, B. R. *A produção da vogal átona final /e/ por porto-algrenses aprendizes de espanhol como segunda língua (LA): uma investigação sobre atrito linguístico em ambiente de LA não-dominante*. Dissertação (Mestrado em Letras) Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2017.

DEWAELE, J-M. Lexical inventions: French interlanguage as L2 versus L3. *Applied Linguistics*, v. 19, n. 4, 1998, p. 471-490.

ELLIS, N. The Emergence of Language as a Complex Adaptive System. In: SIMPSON, J. (ed.). *Routledge Handbook of Applied Linguistics*. Amsterdam: Abingdon: Routledge/Taylor Francis, 2011. p. 654-667.

FLEGE, J. E. Second Language Speech Learning: Theory, Findings, and Problems. In: STRANGE, W. (ed.) *Speech perception and linguistic experience: issues in cross language research*. Timonium, MD: York press, 1995.

FRANCESCHINI, R. Sprachadoption: der Einfluss von Minderheitensprachen auf die Mehrheit, oder: Welche Kompetenzen der Minderheitensprachen haben Minderheitensprachen? *Bulletin Suisse de Linguistique Appliquée*, v. 69, n. 2. 1999.

FRIES, C. *Teaching and Learning English as Foreign Language*. Ann Arbor: University of Michigan press, 1945.

GALLARDO DEL PUERTO, F. Is L3 Phonological Competence Affected by the Learner's Level of Bilingualism? *International Journal of Multilingualism*, v. 4, n. 1, 2007, p. 1-16.

GASS, S. M.; SELINKER, L. Introduction. In: GASS, S. M.; SELINKER, L. (eds). *Language Transfer in Language Learning*. Amsterdam: John Benjamins B. V., 1992.

GREEN, D. W. Control, activation, and resource: A framework and a model for the control of speech in bilinguals. *Brain and Language*, v. 27, n. 2, 1986/1998, p. 210-223.

GROJEAN, F. (2013) Introduction. In: GROJEAN, F. & LI, P. *The psycholinguistics of Bilingualism*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013.

\_\_\_\_\_; LI, P. (2013). *The psycholinguistics of Bilingualism*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013.

\_\_\_\_\_; PY; B. La restructuration d'une première langue: l'intégration de variants de contact dans la compétence de migrants bilingues. *La Linguistique*, v. 23, 1991, p. 35-60.

HAMMARBERG, B. Roles of L1 and L2 in L3 production and acquisition. In: CENOZ, J; HUFEISEN, B; JESSNER, U. (eds.) *Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives*. Bristol: Multilingual matters, 2001. p. 21-41.

HERDINA, P.; JESSNER, U. *A Dynamical Model of Multilingualism: Perspectives of Change in Psycholinguistics*. Bristol: Cromwell Press Ltd., 2002.

JESSNER, U. Teaching third languages: Findings, trends and challenges. *Language Teaching*, v. 41, n. 1, 2008. p. 15-58.

KUPSKE, F. F.. *Imigração, atrito e complexidade: a produção das oclusivas iniciais surdas do inglês e do português por sul-brasileiros residentes em Londres*. Tese (Doutorado em Letras), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

LADO, R. *Linguistics across cultures: applied linguistics for language teachers*. Michigan: University of Michigan Press, 1957.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition. *Applied Linguistics*, v.18, n. 2, 1997, p. 141-165.

\_\_\_\_\_. Complex, dynamics systems: A new transdisciplinary theme for applied linguistics? *Language Teaching*, v. 45, n. 2, 2011, p. 1-13.

\_\_\_\_\_. Complexity Theory. In: VANPATTEN, B.; WILLIAMS, J. (eds.) *Theories in Second Language Acquisition: An introduction*. Amsterdam: Routledge/Taylor Francis, 2015. p. 227-244.

LENNERBERG, E. *Biological Foundations of Language*. New York: Wiley, 1967.

MERCER, S. Understanding learner agency as a complex dynamic system. *System*, v. 39, 2011, p. 427-436.

ODLIN, T. *Language Transfer: cross-linguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

OLSEN, S. Errors and compensatory strategies: A study of grammar and vocabulary in texts written by Norwegian learners of English. *System*, v. 27, n. 2, 1999, p. 191-200.

ORTEGA, L. *Understanding Second Language Acquisition*. Oxford: Hachette UH Company, 2009.

PENFIELD, W.; ROBERTS, L. *Speech and Brain Mechanisms*. Princeton: Princeton University Press, 1959.

PENFIELD, W. Conditioning the uncommitted cortex for language learning. *Brain*. Oxford: Oxford University Press, 1965. p. 787-798.

PEREYRON, L. *A produção vocálica por falantes de espanhol (L1), inglês (L2) e português (L3): uma perspectiva dinâmica na (multi) direcionalidade da transferência linguística*. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

RICHARDS, J. C. (1970) A Non-Contrastive Approach to Error Analysis. *ELT journal*, v. 25, n. 3, 1970, p. 204-219.

RINGBOM, H. The Influence of Swedish on the English of Finnish Learners, *Eric*, 1985, p. 39-71.

ROSSI, S. (2006) *L'interference lexicale dans l'acquisition d'une troisième langue: effet langue seconde ou distance typologique?* Dissertação (Mestrado em Letras). Calgary, University of Calgary, 2006.

SELINKER, L. Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, v.10, n.3, 1972, p. 209-231.

SCHERESCHEWSKY, L. C.; ALVES, U. K.; KUPSKE, F.F. First language attrition: the effects of English (L2) on Brazilian Portuguese VOT patterns in an L1-dominant environment. *Letrônica*, v.10, n. 2, 2017, p. 700-716.

SCHERESCHESKY, L. C. *O atrito linguístico sobre os padrões de VOT do português: efeitos do inglês (L2) e do alemão (L3) em aprendizes bilíngues e trilingues*. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

VAN HELL, J.G.; TANNER, D. Second Language Proficiency and Cross-Language Lexical Activation. *Language Learning*, v.62, 2012, p. 148-171.

VANPATTEN, B. What is second language acquisition and what is doing in this department? *ADFL Bulletin*, v. 30, n. 30, 1999, p. 49-53.

WALTER, C. (2007) First- to second-language reading comprehension: Not transfer, but access. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 17, n.1, 2007, p. 14-37.

WEINREICH, U. *Languages in Contact*. The Hague: Mouton, 1953/1964.

WUNDER, E.M. Phonological Cross-linguistic Influence in Third or Additional Language Acquisition. *6<sup>th</sup> New Sounds*, 2010.